

A aplicação de textos literários dedicados ao desenvolvimento de novos leitores, em metodologias educacionais, com ênfase na obra *Comédias para se Ler na Escola*, de Luís Fernando Verissimo

Alessandro Ferreira de Araujo (UNEMAT)¹

Direito e resistência são duas boas razões para a gente chegar perto dos clássicos. Mas há mais. Talvez a principal seja o prazer que essa leitura nos dá. (Ana Maria Machado, Como e por que ler os clássicos universais desde cedo)

Resumo: O artigo propõe debater a respeito da aplicação de textos literários dedicados ao desenvolvimento de novos leitores, em metodologias educacionais, na tentativa de se atenuar a atual defasagem na prática de leitura por prazer de um público infantil e jovem. Utilizando como objeto de análise a obra *Comédias para se Ler na Escola* de Luís Fernando Verissimo, uma sequência de crônicas selecionadas por Ana Maria Machado que trazem como objetivo o despertar no público infantojuvenil o prazer e a paixão pela leitura, e assim o desenvolvimento de novos leitores por meio de um auto teor cômico em conjunto com uma linguagem simples.

Palavras-chave: *Comédias para se Ler na Escola*; Metodologia; Leitura

Abstract: The article proposes to debate about the application of literary texts dedicated to the development of new readers, in educational methodologies, in an attempt to alleviate the current lag in the practice of reading for pleasure of children and young people. Using as an object of analysis the work *Comedies to Read at School* by Luis Fernando Verissimo, a sequence of chronicles selected by Ana Maria Machado that aim to awaken in children and adolescents the pleasure and passion for reading, and thus the development of new readers by means of an auto comic content together with a simple language.

Keywords: *Comédias para se Ler na Escola*; Methodology; Reading

¹¹ Recém graduado em Letras pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Pontes e Lacerda. E-mail: alessandro.araujo@unemat.br

A aplicação de textos literários dedicados ao desenvolvimento de novos leitores, em metodologias educacionais, com ênfase na obra *Comédias para se Ler na Escola*, de Luís Fernando Veríssimo

1. Por que meu aluno não gosta de ler?

Atualmente percebe-se uma grande defasagem na prática de leitura por prazer no público infantojuvenil, muitos quando leem um texto literário, na maioria das vezes o fazem apenas por obrigatoriedade, pois necessitam desse conhecimento para realização de provas ou atividades na escola, e quase nunca o fazem por gostarem de ler.

Contudo, é na escola que na maioria das vezes esse público obtém o maior contato com o texto literário de qualidade. E esse ambiente social acaba por tomar para si a responsabilidade de entregar o primeiro contato mais formalizado com a literatura. Entretanto, os alunos ao terem o olhar sobre o texto literário no ambiente escolar podem ter duas visões distintas: a primeira na qual o texto literário torna-se algo prazeroso para eles e a educação literária cumpre com o seu papel principal, e a segunda na qual os alunos acabam por se traumatizar com a literatura por conta de falhas metodológicas causadas pelo professor, que fazem com que a educação literária não cumpra seu papel.

E é nesse sentido que podemos notar uma das principais causas pelo desgosto ou receio pela literatura por crianças e adolescentes; que seria a incapacidade dos atuais métodos de ensino de criar um público que realmente lê literatura e sente prazer nisso. Pois na maioria das vezes a educação atual acaba por desenvolver alunos que somente escrevem e decifram códigos da língua, e que não entendem o conteúdo que está sendo passado no texto literário, muito menos descobrem as razões para lerem literatura e o poder que ela possui.

Todorov já afirma em sua obra *Literatura em Perigo*, que a literatura tem um grande poder e um papel vital a cumprir na sociedade, mas que vem sendo a cada dia mais reduzida:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir, mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. (2009, p.76).

De certo, não é de hoje que a eficácia dos atuais métodos de ensino vem sendo questionada, Anísio Teixeira, considerado o pai da educação pública no Brasil em sua obra *Pequena Introdução à Filosofia da Educação: a escola progressiva ou a transformação da escola* de 1971, já afirmava que:

Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra. Alargada, desse modo, na sua compreensão, não a podemos encontrar nos processos mecânicos da escola tradicional. Como aí encontrar o móvel centralizador e harmonizador do crescimento ou da educação da criança, **se não há a sua participação, nem o seu desejo, nem a sua atenção**, e se a obra interna da educação de nada disso pode prescindir? (Teixeira, p. 57, 1971, Grifo meu)

Portanto, a incapacidade dos atuais métodos de ensino de fazerem com que os alunos sintam desejo pelo estudo, principalmente no que diz respeito ao conhecimento literário, é uma das mais preocupantes falhas presentes na educação atual. Métodos ineficazes acabam por muitas vezes prejudicando os alunos e os traumatizando, fazendo com que esses passem a temer o texto literário.

Sendo assim, entre as várias falhas metodológicas que causam esse efeito devastador, podemos citar seis que servirão de norteadoras no decorrer deste artigo.

1º Aplicação de um texto literário como uma forma muito rebuscada de linguagem, sem ocorrer a tentativa de se tentar facilitar a leitura, e por conseguinte o entendimento para os alunos.

2º Forçar os alunos a lerem várias obras, sem que eles se divirtam com nenhuma.

3º Utilização de um texto literário ou fragmentos dele como objeto ou material de auxílio na explicação de um outro conteúdo, sem que se dê nenhuma importância ao texto literário.

4º Não se buscar uma relação da obra literária com o dia a dia dos alunos.

5º Forçar a leitura sem explicar o motivo do aluno estar lendo, não sendo demonstrado quão importante é a obra para a sociedade.

6º A aplicação do texto literário somente para realização de provas.

Esses são alguns exemplos dentre vários erros cometidos por uma boa parte dos professores. Erros que na maioria das vezes ocorrem por um simples motivo, o docente acaba por se preocupar tanto com o conteúdo, que por fim esquece o mais importante que seria os seus alunos, pois como o próprio Teixeira afirma “a criança tem que ser levada em conta. E,

A aplicação de textos literários dedicados ao desenvolvimento de novos leitores, em metodologias educacionais, com ênfase na obra *Comédias para se Ler na Escola*, de Luís Fernando Veríssimo

com ela, os seus interesses, os seus impulsos, os seus desejos, os seus receios, os seus gostos e os seus aborrecimentos” (Teixeira, p. 60, 1971)

2. Como fazer o discente sentir gosto pela literatura?

Através destes erros metodológicos, percebe-se que o maior desafio de um professor de literatura é fazer com que seus alunos sintam prazer pela leitura. Pensando nisso, tentou-se neste artigo analisar quais benefícios surgiriam com a aplicação de leituras dedicadas a levar o prazer literário ao público infantojuvenil, por meio de textos que cativem os alunos e que os atraiam para o mundo da literatura. Neste caso optou-se por aplicar as crônicas presentes no clássico livro infantojuvenil *Comédias para se Ler na Escola* de Luis Fernando Verissimo, obra que possui como principais atrativos a sua linguagem simples e um alto teor cômico.

O livro *Comédias para se Ler na Escola* corresponde a um compilado de crônicas de Veríssimo, selecionadas pela escritora Ana Maria Machado, que tem como objetivo despertar nos estudantes o prazer e a paixão pela leitura, pois como a própria Machado afirma na introdução da obra:

Depois de ler este livro, duvido que algum jovem ainda seja capaz de dizer, sinceramente, que não curte ler. E, para não ficar achando que só gosta deste livro, que leia os outros do autor. Aposto que, em sua maioria, os novos leitores vão se viciar em livro e sair procurando outros textos, de outros autores. Com vontade de, um dia, chegar a escrever assim. (Machado, p.06, 2004)

Sendo assim, este artigo está guiado pelo ideal de que a obra em análise pode ser de grande eficácia na atenuação do desprezo literário por jovens e adolescentes, ao ser aplicada por professores em suas metodologias. Tal análise tem como objetivo a tentativa de se provar a eficácia da aplicação desse tipo de obra destinada ao ensino de literatura e focada no prazer dos alunos no combate das seis falhas metodológicas citadas anteriormente.

A primeira falha que corresponde a “Aplicação de um texto literário como uma forma muito rebuscada de linguagem, sem ocorrer a tentativa de se tentar facilitar a leitura, e por conseguinte o entendimento para os alunos” pode ser facilmente resolvido caso um professor qualificado opte por aplicar a obra de Luis Fernando Verissimo, pois essa possui uma

linguagem muito clara, semelhante à linguagem falada no dia a dia. A própria Ana Maria compara ainda na introdução da obra *Comédias para se Ler na Escola* a leitura com um exercício físico, ao afirmar que.

(...) de qualquer modo, dá também para ser solidário com quem ainda não teve chance de desenvolver sua **musculatura leitora**. Tudo bem, vamos devagar. Lendo textos curtos, fáceis, divertidos, variados, numa linguagem clara e parecida com a que a gente fala todo dia (e toda noite, não há limites). (Machado, p.03, 2004, Grifo meu)

Esse estilo de linguagem simples na escrita é bem característico do autor Luis Fernando Verissimo, é um exemplo no qual podemos notar isso é a crônica “Palavreado” em que um narrador, por meio de uma linguagem simples, brinca com o significado de palavras complexas como lascívia e fornida, algo que chega até mesmo a ser irônico, pois quando o autor utiliza de palavras mais complexas, ele as usa para ironizar.

Gosto da palavra "fornida". é uma palavra que diz tudo o que quer dizer. Se você lê que uma mulher é "bem fornida", sabe exatamente como ela é. Não gorda, mas cheia, roliça, carnuda. E quente. Talvez seja a semelhança com "forno". Talvez seja apenas o tipo de mente que eu tenho. Não posso ver a palavra "lascívia" sem pensar numa mulher, não fornida, mas magra e comprida. Lascívia, imperatriz de Cântaro, filha de Pundonor. (Verissimo, p.36, 2004).

Já no que se diz respeito a segunda falha “Forçar os alunos a lerem várias obras, sem que eles se divirtam com nenhuma”, percebe-se logo no título que o objetivo da obra é fazer com que jovens e adolescentes, a partir de uma leitura cômica, obtenham gosto pela literatura, e de acordo com Ana Maria Machado ainda na introdução da obra *Comédias para se Ler na Escola*, Luis Fernando Verissimo é um mestre como Humorista-escritor.

Temos é uma belíssima tradição de excelentes humoristas-escritores. Gente que tem um texto límpido, ágil, maravilhosamente agudo e inteligente. Autores que lêem muito, ouvem muita música, vêem muita imagem, se metem no palco, transitam de uma arte para outra. São artistas que sabem plasmar a linguagem para que ela lhes obedeça, autores que conhecem profundamente o idioma, que são capazes de relacionar fatos quotidianos com episódios históricos, carregados de alusões culturais, revirar sua lógica pelo avesso. Com isso, mostram seu ridículo, expõem seu absurdo... e arrancam gargalhadas ou sorrisos à vontade. Nomes como os de Millôr Fernandes, Ivan Lessa, Stanislaw Ponte Preta, Aldir Blanc. Nessa companhia, Luis Fernando Verissimo está absolutamente à vontade. É um dos grandes, numa área que,

A aplicação de textos literários dedicados ao desenvolvimento de novos leitores, em metodologias educacionais, com ênfase na obra *Comédias para se Ler na Escola*, de Luís Fernando Veríssimo

com toda certeza, e um dos pontos altos e originais da nossa literatura. (Machado, p.05, 2004)

Tal teor humorístico pode ser notado na crônica *O Marajá*, na qual um marido pede a um amigo que ele se finja de marajá, para que a esposa se esqueça um pouco de sua mania de limpeza, entretanto ela acaba por se apaixonar pelo falso marajá. Veja o trecho a seguir no qual pode ser notado a tentativa de fazer o leitor rir por meio da narração do momento em que o marido acaba por perceber o erro que cometeu, e vê como única saída continuar com o fingimento, mesmo sabendo que sua esposa está amando outro.

Mas o marido de dona Morgadinha percebeu o que fizera. E percebeu que com as almas simples não se brinca. Se descobrisse que fora enganada, dona Morgadinha era capaz de se matar, engolindo detergente. Não, não. Ela não merecia aquilo. Compungido, o marido pediu ao Turcão que continuasse a visitar a mulher. Mas tentasse desiludi-la. Dando um arrotto. Sei lá. (Veríssimo, p.12, 2004).

Sendo assim, percebe-se que a partir do trecho acima que esse teor humorístico que busca fazer o leitor rir por meio de um acontecimento inusitado, ridículo e absurdo se opõe diretamente a segunda falha, pois além do fato da obra ser composta por crônicas, textos não muito extensos que não cansam muito os alunos, esse tem um grande teor cômico, que faz com que os alunos queiram ler cada vez mais e não se sintam obrigados a isso. Pois como Ana Maria Machado afirma na sua obra “Como e por que ler clássicos universais desde cedo”:

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é. (Machado, p.15, 2002)

A terceira falha que corresponde à “Utilização de um texto literário ou fragmentos dele como objeto ou material de auxílio na explicação de um outro conteúdo, sem que se de nenhuma importância ao texto literário”, encontra-se mais ligada à questão da didática do professor, pois mesmo que a obra em análise contenha crônicas divertidas que prendem os

alunos na leitura, ela não será eficaz caso o professor não a use da maneira adequada sendo buscada sua interpretação e entendimento e com isso o prazer literário. Contudo, caso ela seja aplicada de forma correta, ela influenciará não somente no gosto pela leitura por parte dos alunos, mas principalmente na compreensão do conteúdo da aula, que se tornará bem mais divertido.

Por exemplo, em aulas em que o conteúdo seria gramático o professor poderia usufruir da crônica “Sexa” na qual um menino discute com seu pai a respeito do feminino da palavra sexo, e assim de forma divertida possa iniciar suas aulas, e a partir dela já se explicar o conceito de gênero das palavras. Veja o trecho a seguir.

- É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
- E como é o feminino de sexo?
- Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
- Mas tu mesmo disseste que tem sexo masculino e feminino.
- O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
- Não devia ser "a sexa"? (Verissimo, p.24, 2004).

A quarta falha que analisaremos diz respeito ao fato de “Não se buscar uma relação da obra literária com o dia a dia dos alunos”, algo que pode ser facilmente combatido pois as crônicas presentes na obra *Comédias para se Ler na Escola* apresentam, na sua maioria, temas cotidianos que facilitam muito essa relação da obra com suas próprias vidas por parte dos alunos caso o professor opte por utilizar essa obra. Um exemplo disso é a crônica “Rápido” na qual o autor de forma divertida conta a história do encontro de um casal, até a proximidade da morte. Veja o trecho a seguir que por meio de frases de fácil entendimento narram a primeira dança do casal, o início do namoro, o nascimento do primeiro filho e seu casamento.

- Quer dançar?
- Obrigada!
- Você vem aqui sempre?
- Venho!
- Vamos namorar firme?
- Bom... Você tem que falar com o papai...
- Já falei com seu pai. Agora é só marcar a data.
- 26 de julho?
- Certo.
- Não esqueça das alianças... (Verissimo, p.69, 2004).

A aplicação de textos literários dedicados ao desenvolvimento de novos leitores, em metodologias educacionais, com ênfase na obra *Comédias para se Ler na Escola*, de Luís Fernando Veríssimo

Sendo assim, caso o professor deseje buscar esse tipo de interpretação prazerosa nos alunos, em que eles veem aspectos de suas vidas refletidas no texto literário, ele conseguirá facilmente com a aplicação das crônicas presentes na obra *Comédias para se ler na escola*. Pois como Ana Maria Machado afirma.

Mas a leitura dos bons livros de literatura traz também ao leitor o outro lado dessa moeda: o contentamento de descobrir em um personagem alguns elementos em que ele se reconhece plenamente. Lendo uma história, de repente descobrimos nela umas pessoas que, de alguma forma, são tão idênticas a nós mesmos, que nos parecem uma espécie de espelho. Como estão, porém, em outro contexto e são fictícias, nos permitem um certo distanciamento e acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências. Essa dupla capacidade de nos carregar para outros mundos e paralelamente, nos propiciar uma intensa vivência enriquecedora é a garantia de um dos grandes prazeres de uma boa leitura. (Machado, p.20).

No que se refere a quinta falha que é “Forçar a leitura sem explicar o motivo do aluno estar lendo, não sendo demonstrado quão importante é a obra para a sociedade”, remete habilidade do professor. Pois o docente deve ser capaz de explicar aos alunos o quão grandiosa a obra é, o motivo dessa ser um clássico, e por que ele está lecionando esse texto, fazendo assim com que ele deseje ler e não se sinta obrigado a isso, pois como Ana Maria machado afirma “Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda.” (Machado, p.15)

Por fim a sexta falha que é “A aplicação do texto literário somente para realização de provas”, diz mais respeito a didática do professor, pois caso ele deseje buscar primeiramente o gosto literário dos alunos, e somente após isso as suas avaliações, o conjunto de crônicas de Luis Fernando Verissimo dão liberdade a isso, pois seu principal objetivo é levar prazer a quem está lendo. E como Ana Maria Machado afirma “Tentar criar gosto pela leitura, nos outros, por meio de um sistema de forçar a ler só para fazer prova? É uma maneira infalível de inocular o horror a livro em qualquer um.” (Machado, p.15, 2002)

3. Por que *Comédias para se Ler na Escola*, de Luis Fernando Verissimo?

O livro *Comédias para se Ler na Escola* corresponde a um compilado de crônicas de Veríssimo, selecionadas pela escritora Ana Maria Machado que se distribuem em seis partes, a primeira chamada “Equívocos”, a segunda “Outros tempos”, a terceira “De olho na linguagem”, a quarta “Fábulas” a quinta “Falando Sério” e a sexta “Exercício de Estilo”, cada uma selecionada de acordo com uma certa característica, mas que possuem o mesmo objetivo de levar prazer a quem está lendo, com a própria Ana Maria Machado afirma:

Relaxe e aproveite. Curta as histórias, as piadas, o jeito de falar. Seja nos relatos de desencontros que chamamos de Equívocos, nas historinhas com moral escondida que batizei de Fábulas, nas divagações sobre um tema (Falando Sério), nas memórias (Outros Tempos), nas brincadeiras com a linguagem ou o estilo. Sempre uma gostosura. Puro prazer. Um jardim de delícias. (Machado, p.06, 2004)

E em suma o principal motivo de se ter escolhido a obra *Comédias para se Ler na Escola* como exemplo para análise, foi o fato dessa ser dedicada essencialmente a tentar fazer com que o público infantojuvenil sinta gosto pelo texto literário, através da presença de um alto teor cômico e linguagem clara e simples, características facilitam sua aplicação nos mais variados planos de aulas.

Sua primeira divisão nomeada de “Equívocos” é ótima para aulas nas quais o professor deseja aguçar a imaginação de seus alunos, como pode ser visto na crônica “Espada” na qual um garoto conta a seu pai que encontrou uma espada misteriosa no seu aniversário, entretanto ele acaba por não acreditar em seu filho, contudo no final o progenitor é surpreendido pelo fato da espada ser realmente mágica.

E não diz mais nada. Porque vê o filho dirigir-se para a janela do seu quarto, e erguer a espada como uma cruz, e gritar para os céus "Ramil!". E ouve um trovão que faz estremecer a casa. E vê a espada iluminar-se e ficar azul. E o seu filho também (Verissimo, p.08, 2004).

A segunda divisão chamada de “Outros tempos” torna-se perfeita para um professor que deseja, durante suas aulas, filosofar um pouco sobre a importância de se lembrar dos bons momentos do passado, e de como a vida é supérflua, como pode ser visto na crônica “História Estranha” na qual um senhor de quarenta anos se encontra com um garoto de sete anos e ambos se identificam um com o outro por serem a mesma pessoa em tempos diferentes.

A aplicação de textos literários dedicados ao desenvolvimento de novos leitores, em metodologias educacionais, com ênfase na obra *Comédias para se Ler na Escola*, de Luís Fernando Veríssimo

Tem uma vaga lembrança daquela cena. Um dia ele estava jogando bola no parque quando de repente aproximou-se um homem e... O homem aproximasse dele mesmo. Ajoelha-se, põe as mãos nos seus ombros e olha nos seus olhos. Seus olhos se enchem de lágrimas. Sente uma coisa no peito. Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo. (Veríssimo, p.17, 2004).

Já o conjunto de crônicas que correspondem a divisão chamada “De olho na linguagem”, é perfeito para exercícios de linguística, em aulas mais voltadas para linguagens e gramática, como na crônica “Pá, Pá, Pá” na qual se tem um brasileiro tentando explicar para um estrangeiro certas expressões brasileiras, mas acaba por ficar estressado.

- Eu estava ali agora mesmo, tomando um cafezinho, quando chega o Túlio. Conversa vai, conversa vem e coisa e tal e pá, pá, pá...
Eu e a americana nos entreolhamos.
- Funciona como reticências - sugeri eu. - Significa, na verdade, três pontinhos. "Ponto, ponto, ponto."
- Mas por que "pá" e não "pó"? Ou "pi" ou "pu"? Ou "etecétera"?
Me controlei para não dizer - "É o problema dos negros nos Estados Unidos?". (Veríssimo, p.23, 2004).

Já as crônicas que compõem as divisões “Fábulas” e “Falando Sério” podem ser usadas por um professor que deseja buscar uma relação da obra literária com o dia a dia dos alunos, pois tratam de situações embaraçosas do cotidiano e problemas comuns do cidadão brasileiro. Como pode ser visto na crônica “A novata” que narra o primeiro dia de trabalho de uma mulher, que inicialmente é desacreditada por seu chefe, mas por fim demonstra o seu potencial.

Sandrinha nunca esqueceu o seu primeiro dia na redação. Os olhares que recebeu quando se encaminhou para a mesa do editor. De curiosidade. De superioridade. Ou apenas de indiferença. Do editor não recebeu olhar algum.
- Quem é você? - ele perguntou, sem levantar a cabeça. Sandrinha se identificou.
- Ah, a novata - disse ele. - Você deve ser das boas. Recém-formada e já botaram a trabalhar comigo. Você sabe o que a espera? (Veríssimo, p.33, 2004).

Por último e não menos importante, o conjunto de crônicas que compõem a divisão “Exercício de Estilo” é ótimo para aulas sobre textos literários, como pode ser notado na

crônica “Um, dois, três” na qual o narrador demonstra o seu desejo de escrever uma crônica que enchesse o mundo de alegria.

Eu queria um dia fazer uma crônica como uma valsa antiga. Que rodopiasse pela página como, digamos, um velho comendador de fraque e a sua jovem amiga. Cheia de rimas como quimera e primavera. Com passos e compassos, ah quem me dera. Talco nos decotes, virgens suspirosas e uma sugestão de intriga. (Verissimo, p.51, 2004).

4. Conclusão:

Em resumo, percebe-se a partir da análise que a aplicação de textos literários dedicados ao desenvolvimento de novos leitores, como a obra *Comédias Para se Ler na Escola*, em metodologias educacionais demonstram-se de grande auxílio na atenuação da atual defasagem na prática de leitura por prazer de um público infantil e jovem.

Pois em suma, a sua abrangência de conteúdos facilita seu encaixe em quase qualquer metodologia, e seu alto teor cômico em conjunto com uma linguagem simples ajudam muito o professor a deixar sua aula mais leve e descontraída, auxiliando assim no aprendizado do seu aluno e no desenvolvimento de um gosto pela literatura do mesmo.

Dessa forma, o aluno sente-se atraído pelo saber literário e não se torna traumatizado com a literatura, pois como dito no primeiro subtítulo deste artigo “Por que meu aluno não gosta de ler?” é na escola que na maioria das vezes esse público obtém o maior contato com o texto literário de qualidade. E esse ambiente social acaba por tomar para si a responsabilidade de entregar o primeiro contato mais formalizado com a literatura, se esse encontro ocorrer da forma certa, cria-se “devoradores de livros”, mas caso ele ocorra de forma errônea, a literatura passa a ser o terror desse público infanto juvenil.

Sendo assim, torna-se dever do professor buscar obras que assim como o texto *Comédias Para se Ler na Escola* auxiliam a diminuir o desprezo literário dos seus alunos, para que assim possam ajudar no desenvolvimento de um público infantojuvenil que realmente goste de ler e sinta prazer nisso.

A aplicação de textos literários dedicados ao desenvolvimento de novos leitores, em metodologias educacionais, com ênfase na obra *Comédias para se Ler na Escola*, de Luís Fernando Veríssimo

Referências:

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Editora Objetiva: 2002.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à Filosofia da Educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**; tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.